A LIDERANÇA NEGRA NOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL: UM PANORAMA POR GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO DE 2000 A 2023[1]

Larissa Pereira[2]
Tulio Chiarini[3]
Carla Pereira Silva[4]
Vitor Marinho[5]

SINOPSE

O último Censo do Diretório dos Grupos de Pesquisa 2023 publicizou dados sobre sexo e cor/raça dos membros vinculados aos grupos de pesquisa para todos os censos, desde 2000. Tal divulgação proporciona uma compreensão mais ampla da diversidade entre os membros desses grupos e de como essa diversidade tem evoluído ao longo do tempo. Este breve texto apresenta a participação negra (pretos e pardos) na liderança dos grupos de pesquisa, no período 2000-2023, por grandes áreas de conhecimento, complementando o trabalho de Chiarini *et al*. (2024). Os dados demonstram que houve aumento na proporção de líderes em grupos de pesquisa na área de humanidades e na representatividade de homens e mulheres negros ao longo do tempo, apesar de ainda representarem menos que 25% dos líderes em todas as grandes áreas analisadas. Em termos relativos, homens e mulheres negros possuem maior representação nas humanidades que nas ciências duras e nas ciências da vida, e mulheres negras possuem pouca participação nas três grandes áreas do conhecimento, sobretudo nas ciências duras.

Palavras-chave: grupos de pesquisa; liderança negra; negros; áreas do conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

O Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP), vinculado à plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é o sistema que organiza as informações sobre os grupos de pesquisa associados a universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa e alguns centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D) de empresas estatais.

O CNPq, de forma periódica, divulga os resultados do censo desses grupos, fornecendo dados essenciais para o entendimento da economia e sociologia da ciência, tecnologia e inovação (CT&I), como evidenciado na literatura acadêmica que utiliza o DGP (Chiarini *et al*., 2022). O censo mais recente, realizado em 2023, apresentou informações sobre sexo e cor/raça dos membros dos grupos de pesquisa, tanto para o censo atual quanto para censos anteriores, desde 2000.

1. DOI: https://dx.doi.org/10.38116/radar77art3

2. Pesquisadora bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) no Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Diset/Ipea. *E-mail*: larissa.pereira@ipea.gov.br.

3. Analista em ciência e tecnologia no Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade, da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Diset/Ipea). *E-mail*: tulio.chiarini@ipea.gov.br.

4. Professora no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (INFMG), *campus* Diamantina. *E-mail*: carllaps@gmail.com.

5. Pesquisador bolsista do PNPD na Diset/Ipea. *E-mail*: vitormarinho102@gmail.com.

Embora existam estudos focados na participação feminina em grupos de pesquisa (Albuquerque, 2020; Andrade, Macedo e Oliveira, 2014; Aquino, 2006; Carvalho, 2020; Chiarini, Rapini e Santos, 2024; Oliveira, 2017; Oliveira, Mello e Rigolin, 2020; Quintão, Barreto e Menezes, 2021; Santiago, Affonso e Dias, 2020; Santos, 2016; Souza e Ferreira, 2013) e sobre questões raciais (Silva, 2019), esses trabalhos abordam áreas específicas do conhecimento e não colocam o líder do grupo como unidade central de análise.

O líder de um grupo de pesquisa desempenha papel fundamental na organização, na definição de áreas de atuação, no registro de novas linhas de pesquisa, no recrutamento de membros, na gestão de parcerias e no cadastramento de recursos. Essas funções influenciam diretamente a dinâmica do grupo (Latour e Woolgar, 1986). Focar os líderes é metodologicamente relevante, pois, além do prestígio e reconhecimento que detêm (Merton, 1968), eles têm maior poder que os demais, o que torna crucial a análise da sua distribuição entre homens e mulheres, brancos e negros, para impulsionar novas epistemologias e perspectivas científicas.

Acresce que a escolha por focar as análises na liderança também se deve ao fato de que, entre os líderes, os percentuais de *missing* para a variável são menores que os observados para o conjunto de participantes em geral. Para o ano de 2000, por exemplo, enquanto as informações sobre cor/raça de 45,3% do conjunto geral de participantes dos grupos de pesquisa não estavam disponíveis, no caso dos líderes, essa informação não estava disponível para 28,2% deles.[6] Esse aspecto faz com que o subgrupo de líderes seja mais confiável para análises relacionadas à participação de negros e negras. Destaca-se que, como o aumento no número de líderes dos grupos é superior ao número de *missing* identificado no início da série, a trajetória observada não seria em sua totalidade justificada apenas por esse fenômeno.

O único estudo identificado que aborda a questão racial com foco nos líderes dos grupos de pesquisa do CNPq foi realizado por Chiarini *et al*. (2024). Os autores analisaram a participação de homens e mulheres negras na liderança de grupos de pesquisa, com um recorte regional, e constataram que, embora tenha havido crescimento, negros ainda estão sub-representados na liderança em todas as regiões do país. Esse estudo pode ser ampliado ao considerar as grandes áreas do conhecimento, que possuem dinâmicas distintas de produção científica.

Dessa forma, este artigo visa complementar o estudo de Chiarini *et al.* (2024), apresentando resultados preliminares sobre a participação de pessoas negras na liderança dos grupos de pesquisa no Brasil, com um recorte por grandes áreas do conhecimento. Para fins de análise, foram considerados como negros os indivíduos que se autodeclararam pretos ou pardos (Osorio, 2003) no período de 2000 a 2023.

2 A LIDERANÇA NEGRA NOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL POR GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Para a análise por grandes áreas do conhecimento, os dados foram agrupados em *ciências duras* (ciências exatas e da terra, e engenharias e computação), *ciências da vida* (ciências agrárias, ciências biológicas e ciências da saúde), *humanidades* (ciências humanas, linguística, letras e artes, sociais aplicadas) e *outras*.[7] Considerando a distribuição não homogênea dos grupos de pesquisa entre as áreas do conhecimento, é essencial analisar primeiro a distribuição dos líderes em cada uma delas antes de examinar os dados sobre a liderança negra. Em seguida, os dados são apresentados com recortes específicos.

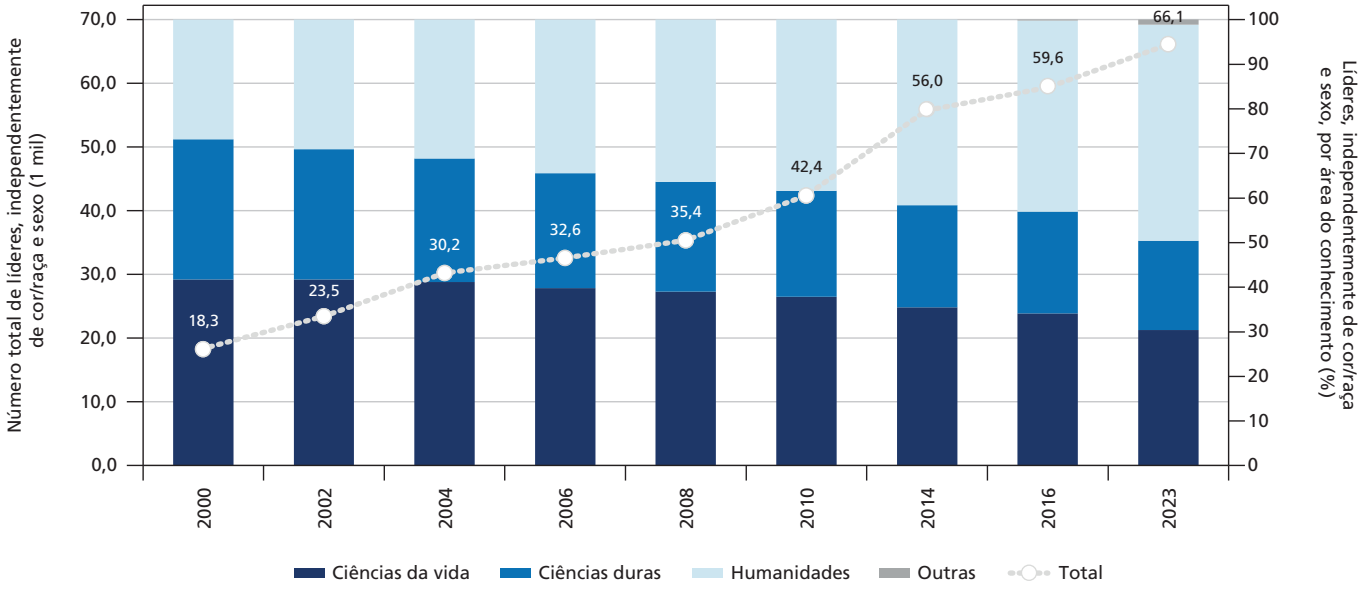
6. Para as análises, foi considerada como *missing* a soma dos casos em que a cor/raça não havia sido informada, em que o indivíduo não havia desejado declarar e em que a variável não havia sido preenchida.

7. Compreende o conjunto de grupos de pesquisa cuja área de conhecimento predominante não está classificada na tabela de áreas do conhecimento do CNPq. Ver: https://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7.

2.1 Dados gerais sobre os líderes

Os dados do gráfico 1 mostram que há uma reconfiguração da liderança dos grupos por área do conhecimento: tanto as *ciências da vida* quanto as *ciências duras*, que em 2000 concentravam 41,7% e 31,5% dos líderes cadastrados no CNPq respectivamente, perderam participação relativa, chegando em 2023 a 30,4% e 20,0%. Com dinâmica oposta, as *humanidades* tiveram um crescimento relativo, passando de 26,8% para 48,5% no mesmo período. O conjunto de grupos de pesquisa com áreas do conhecimento classificadas como *outras* passou a ser apresentado na base a partir do censo de 2016, quando representou 0,2% dos líderes; em 2023, esse percentual subiu para 1,1%, apesar de ainda ser pouco representativo.[8] Esse movimento, de perda de participação relativa das ciências da vida e das ciências duras, está condizendo com o observado por Chiarini, Rapini e Santos (2024), quando analisaram o número de grupos de pesquisa por área.

GRÁFICO 1
Distribuição do número de líderes por área do conhecimento (2000-2023)



Fonte: DGP/CNPq.
Elaboração dos autores.

2.2 Dados específicos

Começando pelas ciências da vida, é notável que a liderança majoritária foi exercida por homens e mulheres que se autodeclaram brancos, variando de 63,4% para 68,8% no período analisado. No entanto, observa-se uma mudança gradual, com uma leve queda na representação de homens brancos como líderes de grupos de pesquisa, caindo de 36,3% em 2000 para 31,5% em 2023. Em contrapartida, as mulheres brancas demonstraram um aumento em sua participação como líderes, passando de 27,0% em 2000 para 37,3% em 2023 (gráfico 2). Homens negros e mulheres negras apresentaram um crescimento significativo em sua representatividade como líderes de grupos de pesquisa na área das ciências da vida ao longo do tempo. Homens negros passaram de 4,4% em 2000 para 9,6% em 2023, enquanto mulheres negras aumentaram de 3,4% para 10,3% no mesmo período.

8. Para a análise apresentada na subseção a seguir, as áreas do conhecimento classificadas como *outras* serão suprimidas, uma vez que estão disponíveis apenas para os anos de 2016 e 2023, o que limita a análise da evolução da composição da liderança ao longo do tempo.

No que diz respeito às ciências duras, em 2000, parcela considerável dos líderes de grupos de pesquisa eram homens brancos, representando 46,2% do total, seguidos por mulheres brancas com 14,0%. Ao longo dos anos, houve uma redução relativa na representatividade de homens brancos como líderes, chegando a 43,7% em 2023, enquanto as mulheres brancas mantiveram uma participação relativamente estável.

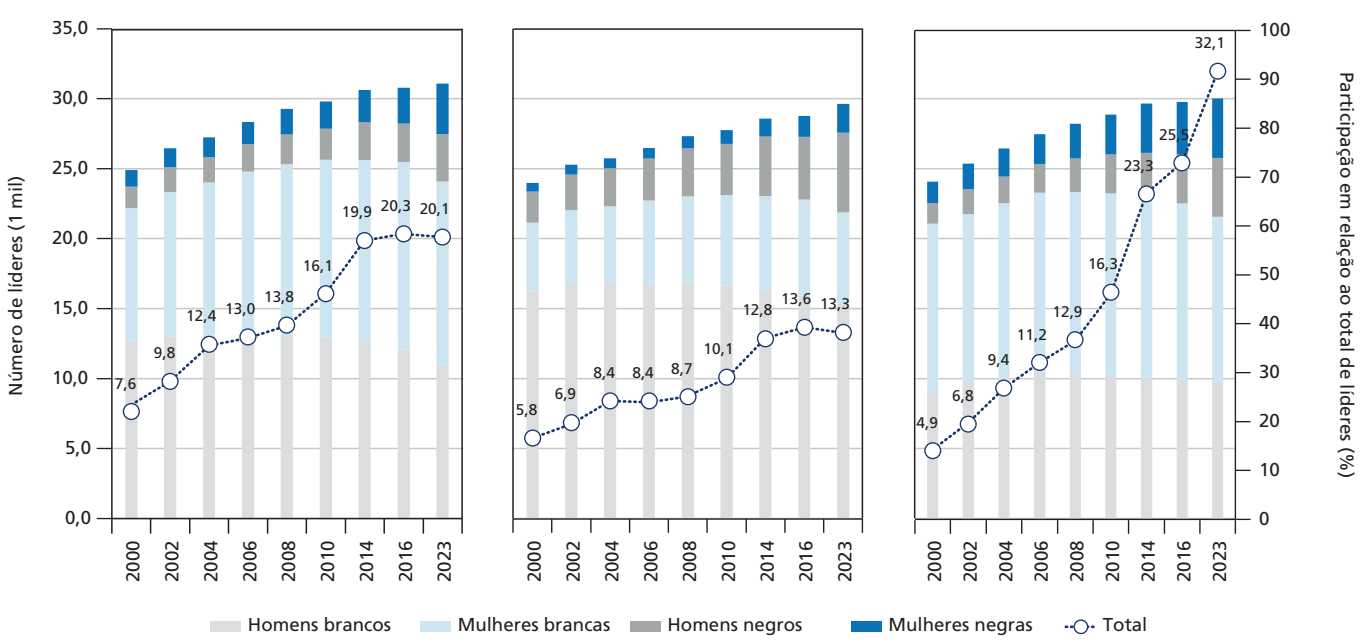
Embora em menor proporção, os homens negros e as mulheres negras apresentaram um aumento em sua representatividade como líderes de grupos de pesquisa na área das ciências duras ao longo dos anos. Homens negros passaram de 6,3% em 2000 para 16,1% em 2023, e mulheres negras aumentaram de 1,8% para 5,9% no mesmo período.

Por fim, nas humanidades, em 2000, mulheres brancas representavam a maior proporção de líderes de grupos de pesquisa, 34,4% do total, seguidas por homens brancos com 26,1%. Ao longo do tempo, houve uma redução relativa na representatividade de mulheres brancas como líderes de grupos de pesquisa, chegando a 33,8% em 2023, enquanto o percentual de homens brancos aumentou para 28,1% nesse ano.

Os homens negros e as mulheres negras também apresentaram um aumento significativo em sua representatividade como líderes de grupos de pesquisa na área das humanidades ao longo do período analisado, passando de 4,2% em 2000 para 12,0% em 2023, para os homens; e de 4,4% para 12,2%, para as mulheres.

GRÁFICO 2

Liderança dos grupos de pesquisa nas áreas de ciências da vida, ciências duras e humanidades, por sexo e cor/raça (2000-2023)



Fonte: DGP/CNPq.
Elaboração dos autores.
Obs.: Os dados apresentados referem-se apenas aos indivíduos autodeclarados brancos e negros (pretos e pardos). Contudo, os percentuais apresentados são calculados sobre o total de líderes, que engloba também os indivíduos autodeclarados amarelos e indígenas e os que não desejaram declarar, não informaram ou deixaram a variável em branco. Sendo assim, considerando a existência de grupos não discriminados na análise, a soma dos percentuais observados não corresponderá a 100%. Por fim, cumpre destacar que a informação sobre cor/raça é coletada por autodeclaração por meio do currículo Lattes. Dessa forma, qualquer alteração nos currículos é refletida no DGP e em todos os demais painéis do CNPq por meio de atualizações. Portanto, em futuros censos do DGP, os dados sobre cor/raça de anos anteriores podem sofrer alterações à medida que as pessoas mudem a forma como se identificam racialmente ou decidam declarar/informar tal característica.

Em resumo, o gráfico 2 sugere uma mudança gradual na composição da liderança dos grupos de pesquisa, com um aumento na representatividade de homens e mulheres negros ao longo do tempo. No entanto, ainda há uma disparidade em relação à representatividade de sexo e cor/raça, sendo que homens brancos mantêm uma

presença significativa como líderes em comparação às mulheres e pessoas negras nas ciências da vida e ciências duras. Em termos relativos, homens e mulheres negros possuem maior representação nas humanidades (24,2% dos líderes nessa área) do que nas ciências duras (22,0%) e nas ciências da vida (20,0%). Ademais, a análise interseccional mostra que mulheres negras possuem pouca participação nas três grandes áreas do conhecimento: 12,2% nas humanidades, 10,3% nas ciências da vida e 5,9% nas ciências duras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto teve por objetivo apresentar resultados preliminares sobre a participação de pessoas negras na liderança dos grupos de pesquisa no Brasil, com um recorte por grandes áreas do conhecimento, em complementação ao estudo de Chiarini *et al*. (2024). Para isso, foram utilizados dados dos censos do DGP ocorridos entre 2000 e 2023, considerando homens e mulheres, brancos e negros.

Os dados indicam que, no período analisado, houve aumento na proporção de líderes em grupos de pesquisa na área de humanidades e uma perda da relevância das áreas de ciências da vida e ciências duras. Além disso, observou-se um aumento na representatividade de homens e mulheres negros ao longo do tempo, apesar de ainda existir uma disparidade em relação à representatividade de sexo e cor/raça. Ao longo de todo o período, homens brancos mantêm uma grande parcela das lideranças em comparação às mulheres e pessoas negras, principalmente nas ciências da vida e nas ciências duras. Por fim, destaca-se que, em termos relativos, homens e mulheres negros possuem maior representação nas humanidades do que nas ciências duras e nas ciências da vida, e mulheres negras possuem pouca participação nas três grandes áreas do conhecimento, sobretudo nas ciências duras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. P. de. **Segurança alimentar e nutricional no Brasil**: reflexões sobre o campo científico e características dos grupos de pesquisa. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

ANDRADE, L. F. S.; MACEDO, A. dos S.; OLIVEIRA, M. de L. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de Administração. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 48-75, nov.-dez. 2014.

AQUINO, E. M. L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, p. 121-132, ago. 2006.

CARVALHO, C. C. B. de. **Gênero e pesquisa médica**: um estudo das bolsistas de produtividade e dos grupos de pesquisa do Brasil. 2020. 167 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

CHIARINI, T. *et al*. **Diretório dos grupos de pesquisa do CNPq**: trajetória e contribuições acadêmicas. Brasília: Ipea, out. 2022. (Texto para Discussão, n. 2801).

CHIARINI, T. *et al*. A liderança negra nos grupos de pesquisa no Brasil: um panorama regional de 2000 a 2023. **Radar**, n. 76, p. 21-28, ago. 2024.

CHIARINI, T.; RAPINI, M. S.; SANTOS, E. G. dos. **Revelando tendências**: análise dos resultados do censo dos grupos de pesquisa de 2023. Brasília: Ipea, ago. 2024. (Nota Técnica Diset, n. 136).

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. (Ed.). **Laboratory life**: the construction of scientific facts. Princeton: Princeton University Press, 1986.

MERTON, R. K. The Matthew effect in science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, v. 159, n. 3810, p. 56-63, 5 jan. 1968.

OLIVEIRA, J. R. de. **A participação feminina nos grupos de pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

OLIVEIRA, J. R. de; MELLO, L. C.; RIGOLIN, C. C. D. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos Pagu**, v. 58, p. 1-51, 2020.

OSORIO, R. G. **O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE**. Brasília: Ipea, nov. 2003. (Texto para Discussão, n. 996).

QUINTÃO, C. C. A.; BARRETO, L. S. da C.; MENEZES, L. M. de. A reflection on the role of women in Science, Dentistry and Brazilian Orthodontics. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 26, n. 2, p. 1-44, 2021.

SANTIAGO, M. de O.; AFFONSO, F.; DIAS, T. M. R. Scientific production of women in Brazil. **TransInformação**, Campinas, v. 32, p. 1-11, 2020.

SANTOS, E. R. **Produção do conhecimento dos líderes de grupos de pesquisa que estudam educação e/ou ética em enfermagem**. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, L. R. **Os estudos sobre educação e relações étnico-raciais no norte do Brasil**: um campo em formação? 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

SOUZA, C. G. de; FERREIRA, M. L. A. Researchers profile, co-authorship pattern and knowledge organization in information science in Brazil. **Scientometrics**, v. 95, n. 2, p. 673-687, 30 maio 2013.